



JORNAL RECREATIVO.

VOL. II.

DOMINGO 31 DE MARÇO DE 1850.

N. 36.

A SEMANA SANTA.

..... Semana dos mysterios
De palmas, e de incensos, e de lutos,
Oh! quem me dera agora ter unidos
No meu peito os teus canticos d' affecto!

(MENDES LEAL JUNIOR.)

Foi este desde os mais remotos seculos da igreja, o tempo o mais sagrado, o tempo o mais respeitado por todo o Christianismo! A recordação, e a celebração dos grandes mysterios da sacrosanta paixão do Nosso Redemptor, foi, é, e será por sem duvida para todo o sempre o acto o mais religioso, o mais digno de consideração, não só por ser aquelle em que misturamos as nossas lágrimas com as da igreja que justamente lamenta a morte do seu esposo, nosso pai, como tambem porque commemoramos a nossa regeneração, o complemento da nossa felicidade, a esperança de uma vida eterna!

Sim! christãos! esta é a semana verdadeiramente nossa; aquella em que o Filho obediente cumprio os mandatos de seu Pae! Esta é aquella semana em que o nosso Redemptor, por entre as espessas trevas que nos envolverão, com

o precioso estandarte, aquella bandeira salvadora, aquella luz vivificante, subio ao cume do Golgotha, e dahi dissipou essas trevas que, obumbrando a todo o Mundo, o tinha feito jazer nas sombras da morte. Foi então que o Mundo se vio livre do captiveiro infernal; foi então que elle vio, como de improviso, quebrarem-se as cadeias, que o manetavão.

Elle olhou para o inferno, que o esperava tragar, e vio as suas portas feixadas para sempre, e enfurecidos os seus dragões. Depois, estendendo suas vistas até ao Céu, elle vio as suas portas abertas, e a eternidade refulgente mostrar-lhe o Calvario, como verdadeiro caminho para a sua gloria eterna.

Essas palmas, esses ramos, que a igreja apresenta, que outra coisa mais é, do que a symbolisação da triumphante entrada de Jesus Christo em Jerusalém, ou por outra da gloriosa entrada na corte celestial, por haver remido com seu precioso sangue a toda a humanidade!?

Esses incensos, esses lutos, que mais

querem dizer senão o sentimento que soffremos por elle ter sido condemnado á morte, e executado estando innocente, só por nossa cauza, só para nos libertar, só para nos livrar do captivo do inimigo!?

Porém como havia elle triumphar dos inimigos senão soffrendo humildemente todos os seus inproperios!? Como havia elle nos remir, e sermos salvos sem consumir o que estava escripto pelos seus santos prophetas!?

Elle padeceu e morreu é verdade, mas de seu padecer e morrer nos veio a vida, nos veio a consolação; do seu padecer e morrer nos veio a remissão, e a gloria eterna.

Christãos! Sejamos agradecidos á summa bondade do nosso Deus que quiz morrer por nós. Sejamos reconhecidos e gratos ao precioso sangue que derramou sobre o cume do Golgotha! E' este

o tempo de nos humilharmos! Não sejamos esquecidos ás palavras que elle ainda enunciou na hora extrema ao bom ladrão que se doera dos seus peccados.

— Hoje serás comigo no Paraíso. —

Façamos por merecer o mesmo! E em quanto é tempo, corramos, corramos ao seu santo templo implorar a sua divina misericordia. Nós não sabemos se ainda existiremos até amanhã! Por isso, christãos, vamos, vamos a ter com o cordeiro immaculado! Digamos-lhes que elle nos remio, que seu sangue nos lavou da macula original; porém que os nossos peccados na vida temporal tem sido tantos que sem o seu beneplacito, não poderemos por certo ser salvos; e que já que elle morreu por nós, nos dê forças para também podermos morrer por elle!

L. M. PECEGUEIRO.

A RESSUREIÇÃO.

Erão já cumpridas as prophcias. A perversidade da synagoga havia levado ao suplicio da cruz aquelle mesmo que viera para libertal-a, para remil-a, e abrir-lhe o delicioso caminho do Céu. Jerusalém, a ingrata cidade, sempre prompta para apedrejar seus prophetas, esquecida dos beneficios que o Salvador lhe havia prodigalisado, se prestára aos iniquos intentos de sua synagoga, e ao prezenciar as angustias do homem Deus ao ouvir seus gemidos no cume do Golgotha, se conservou impassivel, e não correu a remir suas faltas, banhando-se no sangue que gotta a gotta cahia do peito rôto do immaculado filho de Maria. Oh! Jerusalém, Jerusalém teus passos te encaminhão para a perdição! dia virá em que de tuas altas e soberbas torres, de tuas bellezas todas, não ficarão nem leves vestigios! Ai de ti!

Mas, tudo era feito! Nem o tremor da terra, nem a turvação do Sol no meio do dia, nem os mortos sahidos de suas sepulturas, nem os abertos roche-

dos, nem finalmente o véu do templo partido de meio em meio, nada foi bastante para tirar dos olhos desse povo as escamas da cegueira em que estavam abysmados. Inda depois de morto o Salvador, mandarão que ao seu sepulcro se pousessem guardas, que fosse elle vigiado cuidadosamente. O que é porém a força humana, o que são seus pensamentos, quando a divindade ha determinado qualquer couza?!

No meio da noite, um clarão pavoroso, immenso, encandeia os olhos dos guardas. Feridos de terror, elles cahem por terra. A pesada pedra do sepulcro é removida, e o Salvador ressuscita glorioso das trevas da morte. Ali naquelle sepulcro ficão apenas as dobradas roupas, e formosos anjos de face mais resplandecente do que a neve, e lindos, como creaturas que erão do Céu.

Maria Salomé, Maria Magdalena, e outras piedosas mulheres, vem ao sepulchro, e da boca do anjo, entre admiradas e confusas, recebem a nova, ressusci-

tu, não está aqui. Os apóstolos chegam, ouvem a mesma noticia, e exultão de prazer.

E' pois esta ressurreição do Salvador,

que a igreja celebre no dia de hoje; alegremo-nos com ella, porque somos christãos, como filhos da igreja.

P.^o SANTA ROSA DE LIMA.

ASHAVERUS.

OU O JUDEU ERRANTE.

Quando Jesus Christo curvado debaixo do peso da cruz, quiz descansar um instante á porta de Ashaverus, foi duramente repellido pelo barbaro; tropeçou e cahiu... mas calou-se.

O anjo da ira appareceu a Ashaverus, e lhe disse: «Negaste o descanso ao Filho do Homem, cruel! o descanso tambem te será negado até que elle volte! Um demonio negro, sahido do inferno, te perseguirá ás chicotadas de terra para terra, Ashaverus, não gozarás da doce consolação da morte, nem da paz do tumulo.»

Já ha quazi dous mil annos que Ashaverus é arrastado pelo mundo. Vêde-o: elle sahe a custo de uma caverna tenebrosa em o monte Carmel, sacode a poeira da barba, agarra em uma das caveiras empilhadas a seus pés, e a arroja do alto da montanha. a caveira pula, retumba no ar e se despedaça em estilhaços.

«Era meu pai!» brama Ashaverus. Uma outra caveira, e após essa mais sete, rolão com estrondo do rochedo em rochedo.

«E estas! e estas!... uivá o judeu com os olhos espantados; e estas... e estas... são minhas mulheres.»

Mais caveiras rolão ainda.

«E estas... e estas... murmura Ashaverus, são meus filhos. Ah! elles poderão morrer... mas eu, reprobado, não posso morrer... uma sentença terrivel está pendente sobre minha criminosa cabeça.»

«Jerusalém cahiu! Esmaguei crianças que estavam no berço, arremecei-me ás chammas, insultei os romanos; mas ai de mim! uma maldição conti-

nua me segurava pelos cabellos... e eu não morri.

«Roma estava proxima a cair; corri a enterrar-me debaixo de suas ruinas. O colosso abateu, e não me esmagou na sua queda.

«Nações inteiras se levantarão e serão aniquiladas á minha vista, e só eu não morri.

«Do cimo de um rochedo que cortava as nuvens precipitei-me no mar; porém o turbilhão das ondas me atirou para a praia, e a frecha envenenada da existencia novamente me atravessou.

«A' borda da voragem ardente do Etna uni, durante dez luas, meus bramos aos do gigante, e sua boca de enxofre enchi de meus gritos... ai de mim! durante dez luas! mas o Etna vomitou chammas e arrojou-me fóra de si com uma torrente de lavas. Eu debatia-me nas cinzas... e vivia ainda.

«Uma floresta estava a arder: impellido pelo meu delirio, corri para o meio do incendio. A rezina a ferver gotejava sobre meu corpo; mas as chammas consumirão minha carne, secarão meus ossos, e não me devorarão.

«Uni-me aos carrascos da humanidade, precipitei-me na tormenta das batalhas: affrontei Gallos, aterrei Germanos, mas os dardos e as lanças rompião-se sobre meu corpo; o alfange do sarraceno despedaçava-se sobre meu cráneo; um chuveiro de ballas cahia sobre mim, como se fossem ervilhas atiradas a uma couraça de ferro; a poeira dos combates se amolgava sobre as minhas costas, como sobre a crusta de um rochedo cuja summidade se perde nas nuvens.

« Em vão me pisou aos pés o elefante ; em vão minas de pólvora arrebentaram a meus pés e me atiraram aos ares ; caí atordoado sobre a terra, estava... queimado, devorado ; meu sangue, meu cérebro, e até a medula de meus ossos estava consumida, no meio dos cadáveres desfigurados de meus camaradas... mas ainda vivia !

« A maça de aço do gigante despedaçou-se sobre minha cabeça ; o braço do carrasco deslocou-se ; o dente do tigre embutou-se sobre mim ; nenhum leão faminto pôde rasgar-me no circo.

« Deitei-me no meio das serpentes venenosas, provoqueei o dragão, pondo a mão sobre sua crista ensanguentada ; mas a serpente mordeu... e não me matou !...

« Affrontei a raiva dos tyrannos, disse a Nero : tu és um carrasco ! Disse a Christiern : tu és um carrasco ! Disse a Muley Ismael : tu és um carrasco !... Porém os tyrannos inventarão tratos inauditos, e não me destruirão !

« Ah ! não poder morrer ! não poder morrer ! não poder descansar depois de tanta fadiga ! arrastar continuamente esse montão de pó, com a palidez da

morte, enfermidades, e cheiro do tumulto ! não ter diante dos olhos, durante milhares de annos, senão o monstro monotonico de uniformidades, ver o tempo ávido, e faminto dar continuamente filhos ao mundo, e devorá-los continuamente ! Ah ! não poder morrer ! não poder morrer !

« Oh ! Tu cuja vingança me persegue, tens por ventura castigos ainda mais crueis ? faze-os cair sobre mim como um trovão.... Faze com que um temporal me arrojé do alto do monte Carmel, que eu rote despedaçado por elle abaixo, que derrame todo o meu sangue.... e que morra em fim !

E Ashaverus cahio. Uma bulha terrivel ressoou a seus ouvidos, uma profunda escuridão cobrio seus olhos ; um anjo o transportou novamente para a caverna.

« Dorme agora, disse o anjo, dorme em descance Ashaverus ; a ira de Deus não é eterna. Quando acordares, estarás na presença daquelle cujo sangue viste correr sobre o Golgotha... e que te perdoou. »

(Extr.)

PENSAS.

SONETO — A SEMANA SANTA.

Se...ma...na... San...ta !... Oh monstros ! Oh blasphemos !
Callai-vos, que mentis !... Humanidade,
Mostrai-me o que fazeis por santidade
Nestes dias sagrados que nós temos !

Em Deos crêde bastante ? — Oh sim nós crêmos.
Que acções vós praticais ? — So de bondade.
E o que á tanto vos leva ? — A christandade,
Pois de christãos os vottos nós fizemos ! —

Mentis !.... porque até no sexto dia
Zombais de Christo morto ! E se o buscais,
Ide o luxo ostentando e a hipocrisia !....

Oh POVO ! Não temeis, não receiais
O castigo do Ceo ? Na quadra impia,
E na Santa semana, inda o zombais ? !....

A. J. dos Santos Neves.

FATAES CALAMIDADES DO POVO FLUMIMENSE

NO ANNO DE 1850.

*Poeta que calcula quando escreve,
Que lima o quanto diz, p'ra que não fra,
Que medroso não quer comprometter-se,
Que vá poetisar para os conventos.*

(Magalhães. Trag. Antonio José).

I.

Já não se ouve o dobre das igrejas
De vez em quando molestando os ares;
Nem ve-se armadas portas com sanefas,
De negro luto, que atterrando o povo
Uma aqui, outra ali, agora ou logo
Um e outro cadaver no aponta!
Agora o que se vê? O que se escuta?
Encontrão-se porções de corpos mortos
Fugindo das igrejas empestadas
E de ha muito entulhadas; vê-se agora
Cadaveres aos centos, que levados
A um jazigo immenso, a cada passo
Vão passando por nós enfileirados!....
Agora se ouve, (horror!) constantemente
Mil vozes a carpir a mortandade
De quasi todo o povo desta Côte....!
E' isto acaso um sonho? Mente o vate?
Oxalá que não fosse isto verdade!
E vós, ó povo que carpis comigo,
Sabeis acaso, (vos pergunto agora,)
Que quer isto dizer? E' que já bastão
De crimes, de inju-tiças, de maldades,
De tantas imposturas desta vida!....

Capitalista illustre, e millionario
Avarento e orgulhoso traficante,
Aqui, junto de mim, depressa agora
Vinde ambos, correi, quero apontar-vos
Um quadro bem real, e bem tocante: —
Olhai, lá vão além daquella igreja
Que cheio tem de ha muito o cemiterio,
Aquelles corpos mortos em fileira;
Vêde, uns vão em redes envolvidos,
Em lençõs remendados mortalhados,
E outros vão guardados em caixões
Tão ricos como os cofres que deixarão;
Os cofres que ficarão entesourando
O ouro inda ha bem pouco tão negado
Ao pranto, ás impias dores da indigencia,
Por esses vis, nas horas té da morte!
O ouro que se ajunta em tães porções,
Rep'to: — se adquire —, as mais das vezes
A' força de injustiças e de infamias!
O ouro que o Poeta não mendiga,
Embora soffra a fome, porque sabe
Como um veneno atroz reconhecer-o!
O ouro, ouvi: — producto desse povo
De negra côr, por vós escravizado ...! —
O ouro enfim, que fica ao desperdicio

De mil herdeiros que os accusão todos,
Que pompa! Olhai, lá seguem todos elles
Puxados por cavallos que cubertos
De mantos funeraes e negras plumas,
Vão no meio de tochas incendidas,
Em carros de relevos e columnas
Dour os ricamente, e guarneceidos
De franjas de ouro fino, em ricas tellas!....
Capitalista, corre, abre os caixões,
E tu descobre as redes, e comparem
Todos esses cadaveres corrompidos,
E vêde onde o poder, onde esse imperio
Que vivos tinham os ricos sobre os pobres,
E que depois de mortos inda querem
Nas ruas sustentar, e até nas campas?
Sabeis, ó miseraveis impostores,
Que quer isto dizer? E' que elles forão
Na vida desiguaes, e iguaes na morte
Vão ser agora mesmo: — vermes, bixos
Immundos, como as carnes de seus corpos!
Sem das almas fallar-vos e do inferno,
Ou do Céu, cá no mundo todos elles
Vão ser so' terra e ossos!.... Desmenti-me,
O mundo, se podeis, esta verdade!

Hipocritas, verdugos e sicarios,
Que de tudo zombais, ouvi, mirai-vos
Neste quadro terrivel, que vos pinta
O effeito de vossas impiedades,
Que vão ser bem punidas lá no inferno!

II.

O Céu de nuvens todo está toldado,
A lua se occultou, é trevas tudo!
Tristonho geme o bronze, e som funéreo
Repercutindo ao longe triste echoa:
As casas se illuminão, de repente
As portas vão se abrindo, e o povo sae;
As janellas 'stão cheias, descobertas
As cabeças estão, todos attentos.
Que quer isto dizer?... Vejamos tudo.
Lá vem alçada a cruz entre lanternas
Abrindo a multidão alvoroçada;
De cores distinctivas, curtas capas
Envolvem mil fieis, que formao allas,
De tochas todos elles, passo a passo
Caminhão no silencio todos mudos,
Lá vem um'outra cruz, seguem mais outras,
Augmentão-se as lanternas, surdas vozes
Murmura ao longe, e o povo tambem segue
A par dessas fileiras, gritão todos
Com estribilho repetido e forte —
Orai por nós, — as vozes respondendo
De sacerdotes dous que a ladainha
Pronunciando vão de quando em quando.
Que quer isto dizer?... Vejamos tudo.
Ministro do Senhor, Pastor da Igreja,
No meio de fieis que o illuminão
Lá vem alçando a Cruz, mostrando ao povo,
Que curvando se vai, a santa imagem

Do nosso Redemptor crucificado;
 Curvados anciãos trajando iguaes,
 Descanção sobre os hombros um madeiro :
 E' CHRISTO, cujos hombros tambem soffrem
 O peso de uma cruz, 'siá de joelhos
 Sobre verde montanha, tem na fronte
 De sangue nodoad e abatida
 D'espinhos uma c'roa, seus cabellos
 Flutuão soltos com o soprar dos ventos:
 Debaixo deste andor alevantado
 Descobrem-se pessoas, são mulheres
 Todas ellas de luto; seguem tochas,
 O povo todo, e as vozes continuão,
 Com pés calcando n'us a terra fria,
 Mulheres tristes, vejo, vagarosas,
 Amparando com braços levantados
 Pezadas pedras que lhes curvão quasi;
 Depois homens divulgo, que descalços
 Tambem lá vão, crianças simi-nuas
 Com elles vejo algumas, oigo e sinto
 O ranger de correntes que se arrastão.
 Que quer isto dizer?... Vejamos tudo.
 Lá vai a multidão do povo avante,
 Que pouco a pouco mais e mais se augmenta;
 Seguem todos, caminhão e ao *Deo gratias*
 Se une todo em massa, e lá do meio
 D'um lençol de cabeças s'ergue um homem
 De manto escuro e largo, é joven inda,
 Tem no rosto a expressão d'um riso e odio
 Que se confundem contemplando o povo;
 Nos olhos tem o brilho, tem nos labios
 D'um propheta eloquente a voz divina:
 O povo mudo está, mudez de morte
 Agora reina em todos, que pregados
 Os olhos tem na rosto e movimentos
 Desse homem que a voz ergueu altiva:
 E prega agora a lei de JESUS CHRISTO,
 Accusa o povo, exproba-o e balbucia
 Curvando-se com elle, e castigando
 Com suas proprias mãos as faces, pede
 A esse Deos, perdão, MISERICORDIA!
 Que quer isto dizer?... Compre'ndo agora: —
 E' o povo que vende a innumeravel
 Porção das que morrendo vão ceifadas
 Pela PESTE REINANTE que nos fere,
 Temendo já chegadas suas horas,
 Depressa corre ainda por instincto,
 Por passatempo até, seguindo os passos
 D'aquelle proprio Deos que agora os pune!
 E' o povo que vive n'uma orgia,
 Completa bacchanal, somente entregue
 Aos luxos e aos sarões, folgando sempre
 No meio dos prazeres desta vida
 De completas vaidades e de ophimeros
 Prazeres censuaes, sempre esquecido
 Dos preceitos de um Deus á quem insulta
 A cada passo e hora com blasphemias,
 Que quer mostrar-se agora arrependido
 Fingindo contrições e penitencias!
 E' o povo que corre amedrontado
 Da morte que ferir lhes ameaça!
 Irá um só com se? Duvido, e creio
 Que su-tentar agora vão sem pejo
 A vil hipocrisia mesma á face
 Desse homem que brada n'um deserto: —
 O' povo peccador! Arrependei-vos! —

O' Sen'no illum'nado! Onde as luzes
 Que tanto te apregoão, se apagados,

Nas cinzas envolvidos, tu escondes
 Os fachos que devião esclarecer-te,
 Da santa lei de Deos, hoje olvidada?!

III.

Senhor, eis-me a Teus pés, victima triste
 Já fui tambem meu Deus de Teu castigo,
 Castigo diminuto, eu bem conheço,
 P'ra bem punir meus crimes, meus peccados;
 Porém, meu Pay, (permite que Te chame)
 Na dor eu Te pedi, Tu me salvaste,
 E Te pesso na dor, — *salva este povo!* —
 Senhor, eis-me a Teus pés, eis-me prostado,
 Te rendendo oblações, e confundido
 Por Teu poder, na Tua Divindade
 Reconhecendo os Teus santos arcanos!
 Atheu jámais eu fui, nem sou, não posso
 Deixar de m'inspirar, de arrebatat-me
 Contemplando feliz e admirado
 A natureza inteira, obra só Tua!
 Senhor, Tu me penetras, Tu bem sabes
 Que não posso, repito, surdo e cego,
 Negar-Te o santo culto tão devido
 A' Tua Omnipotencia, e Gloria eterna!
 Senhor, eis-me a Teus pés, se a voz tão fraca
 D'um joven peccador, pôde aos ouvidos
 Chegar-Te e comover-Te, eia, me escuta: —
 Em nome dessas chagas, dessa c'roa
 D'espinhos, que soffreste, desse lenho
 Que apoz de carregares suspendeu-Te
 No Calvario, sem dô crucificado;
 Em nome dos tormentos, das torturas,
 Dos Teus tranzes cruéis, dos Teus martirios,
 Do caliz d'amargura, que esgotaste
 No alto do Sinay, tibando as fezes;
 Em nome desse sangue derramado
 No Golgota, somente p'ra remir-nos;
 Em nome dos Archanjos, de MARIA,
 Que afflicta, lagrimosa e traspassada
 D sete dôres, descansou chorando
 No collo maternal o Teu cadaver;
 Em nome, enfim Senhor, meu Pay, meu Deos,
 D'quelle dia em que *regussitaste*,
 Cessa a Tua justiça contra um povo
 Que soffre já de ha muito arrependido!
 Escuta das viúvas os clamores,
 O pranto dos consortes, os gemidos
 Dos orphãos, ouve, o' Deos, tantos soluços,
 Tantos ais d'afflicções, e tantas mortes
 Repara, vê, Senhor, ve tanto luto,
 E a Tua justiça suspendendo,
 Alçando a Tua espada do castigo,
 Mais uma vez, Senher, nos perdoando,
 A Tua mão detem, detem Teu braço!.....

Antonio José dos Santos Neves.



CAMPEZINA.

A ILLUSÃO DO BEIJA-FLOR.

Ao primeiro albor despertada
Lá vai Olina formosa

Destroncada
Descuidosa

Pelo prado divagando,
Pensativa suspirando.

O canario matutino
Entoando (confiado !)

O seu trino
No telhado

Da cabana, em que elle mora
A despertou com a aurora.

E Olina que então sonhava,
Que um pastor com terno geito

A apertava
Contra o peito,

Acordou ao trinar brando,
De um simples sonho, corando.

O coração lhe palpita
O rosto, o pejo enrubece ;

Não hesita,
Elle desce

Ao prado para olvidar
O sonho que o faz corar.

Lá vai tão encantadora,
Com tão rubra côr na face

Como a aurora
Quando nasce

Tão pura, fresca, e louçã
Qual a aragem da manhã.

Negras madeixas,
Como em leite,
Lambem-lhe espaduas
Da côr do leite.

Da frente os lírios
Mais vivas tornão
Rozas, que lizas
Faces adornão.

Ameigos olhares
Flammejadores
Brando sorriso
Brinco de amores,

Cantos seios palpitantes,
São quaes pomos, que brotasse
Doce arbusto dos desejos.
Que em seu peito amar plantasse.

Tão linda ! — talvez um anjo
Assim tão linda a sonhasse ;
E que Deus vida lhe dando
Tal sonho realizasse.

Lá vai ella ! — tão formosa,
Que em derredor lhe suspira
O favonio, e a mesma aurora
Em seu semblante se mira.

Lá vai ella ! — o pé mimoso
Concede aos gozos da grama ;
E seu alito de aromas
O prado todo embalsama.

Se um doce olhar de seus olhos
Vai brilhar n'alguma flor,
Não a faz murchar d'inveja,
Da-lhe mais viço, e fulgor,
Qual se fôra um raio amigo
Do astro vificador.

Se entre os labios lh'estremesse
Um suspiro por ventura,
O favonio o rouba logo,
E com elle se mistura ;
E vai como seu levando
O perfume da ternura.
Eil-a ali vai bella Olina
Pelo rozal passeando ;
Contente um anjo no eden
Iria assim divagando.

E no entanto esvoaçava,
Pendendo de flor em flor,
Por aquelle mesmo prado
Fino e leve — Beija Flor —
Emfim descobrinlo Olina
Attento nas faces tuas ;
Pelo rubor enganado
Vêr só cuida rozas duas

E por que iguais não visse
Naquelle rozal florido,
Dezeja o nectar sorver-lhes
Vôa p'ra Olina illudido.

Mal chego a illusão conhece,
Quer fugir ; mas respirando
Da bella o bafo odoroso
Vai de amor se embriagando.

Vacilla... estremece, e quando
Quiz furtar-se a tanto enleio
Cahio dos labios de Olina
No puro, virginio seio

Olina

Pobre avezinha, que fazes ?...
O que és tu, meu — Beija Flor ?...
Por ventura não és ave ?...
Serás misterio de amor ?...

No meu seio não te escondas,
Busca a tua liberdade ;
Se és ave, livre te deixo ;
Se és amor... ah ! tem piedade.

O Beija-Flor

Eu já não sei o que sou
Depois que vivo em teu seio ;
Tuas faces me illudirão
Foi teu bafo o meu enleio.

Pouco perdi de teus labios,
Cedo em teu seio cahi ;
Estou prezo ; sou ditoso !
Não fujo ; estou bem aqui.

— Se agora Olina inda almeja
Conhecer o Beija Flor !
Saiba que é, como temia,
Terno misterio de amor.

Feliz se a lyra campestre
Soar no seu coração ;
Oiga, Olina, a do mysterio
Sincera revelação.

Voando de amor a mor
Jámais firme ser podendo
Estás, Olina, em mim vendo
O simb'lo do Beija-Flor,
Como elle de flor em flor
Em olhos cem, mel bebe;
E como elle me prendi
De teus encantos no enleio;
Cabi como elle em teu seio,
Não fujo; estou bem aqui.

DR. J. M. DE MACEDO.



LOGOGRIPHO.

Minha syllaba primeira
Só por si tem seu valor,
Marco sonde a cousa existe,
Por mais oculta que for.

A segunda também só
Pode ser preposição;
Mas se for junto à primeira
Pode ser qualquer porção.

A primeira com a segunda
É planta tão estimada
Que não só dá ao Brasil,
Como ao dono nomeada.

A terceira com a quarta
Pelos campos has de ver.
Até mesmo pelo montes
Para baixo o verás correr.

A segunda com a quarta
Dá o accento distincção:
Se é til, é negativa,
Se é grave embarcação.

A segunda com a terceira
A letra — Z — põe demais,
Que se fores bem perfeito
Na tua cara acharás.

A quarta com primeira
É uma tinta bem fallada
Que da India occidental
Para cá é transportada.

A quarta com mais um — U —
Junta à terceira e segunda
Faz todo e qualquer vivente
Seja acciada, ou immunda.

A quarta com a terceira
Se a esta lhe das um — X —
Nome de cabra montez
O dicionario te diz.

A tercelra com a primeira
Muita gente assim quer ser;
Mas o fado rigoroso,
Não lhe dá esse prazer

A primeira com a quarta
Dá-lhe um til, caro leitor,
E terás um companheiro
Que-te pode ter amor.

Leste tudo: agora queres
Conceito para te guiar,
Não t'o dou; se tu o quizeres.
Ouve o primeiro cantar.

He L. M. Pecegueiro. *Canario*

✽✽✽

CHARADAS.

1.
Berra o boi, berra o cabrito
Berra depois o carneiro. — 1
Eu sou Fradeiro e não sou
Grito o pastor mui ligeiro. — 2

Quando nasci era grande;
Hoje mais pequeno sou.
Quando nasci era rico:
Mais pobre também já s'tou.

2.
Ja e ja não pôde ser
A charada decifrares — 2
São diversos caracteres;
São diversos os pensares. — 2

Quasi todos me conhecem:
Eu não conheço a ninguém,
Perguntão só por meu nome
Não pergunto eu por alguém.

3.
Sou de ferro, chumbo ou barro;
Sou de massa, ou de marfim — 2
Sou da terra do caril;
Estimado sou enfim — 1

Commumemente, leitor, eu sou redonda,
Quadrada sou, ou coração fingido:
Sou comprida, direita, ou mesmo torta:
Sou castigo mais prompto ao atrevido.

4.
J. C. FREITAS.

Qual da orchestra o batuta, marco o tempo; — 1
Sou do homem bondoso linda prenda — 1

Nas chammas abrasadas só procuro
N'um só corpo a muitos reduzir. — 1
5.
No mundo faço a principal figura: — 1
Sou aquillo, que faz o liberal: — 1

Com fracções de um madeiro bem dispostas
O nome constitue, porque me tratão.

T. C. V. S.

6.
Sobejo — 2
Pezar — 1

Nem sobejo, nem pezar;
Mas lugar p'ra se habitar.

L. M. PECEGUEIRO.

